

II – COMUNICAÇÕES COMMUNICATIONS

EXPEDIÇÕES GEOMORFOLÓGICAS NO TERRITÓRIO DO RIO BRANCO

GEOMORPHOLOGICAL EXPEDITIONS IN THE TERRITORY OF RIO BRANCO

MIRIDAN BRITTO FALCI ¹

Em 1954 e 1955 foram realizadas duas expedições geomorfológicas no antigo Território do Rio Branco, hoje estado de Roraima, sob a direção do professor Francis Ruellan, da Universidade de Paris e professor contratado, por 15 anos, da Universidade do Brasil.

Como aluna do antigo Curso de História/Geografia da Universidade do Brasil e participante da 2ª. Expedição (1955), apresento esse estudo ao IHGB assinalando as características daquele espaço e quais as conclusões apresentadas pelo professor no livro *Expedições Geomorfológicas no Território do rio Branco*, editado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em 1957

O conhecimento dessas expedições encontra-se neste livro, exemplar único, disposto na Biblioteca Nacional, acima citado e aqui resumido.

Hoje a geografia física não mais faz parte do curso História/ Geografia.

Cada um conhecimento se especificou num aprofundamento como acontece com o saber científico.

1 – Doutora em História pela USP,1993. Pós doutora em Demografia Histórica, Paris, 1995.Professora Adjunto do Programa de Mestrado em História Comparada /IFCS/ UFRJ. Sócia emérita do IHGB.

Estudávamos oceanografia, geologia, cartografia transformando o curso num amontoado de informações que hoje não mais se dá. O curso não se aprofundava em filosofia da História, sociologia, história urbana, demografia.

O que se ensina em geomorfologia? Esse conhecimento pretende estudar a transformação e a formação das formas de relevo, como se deram as erupções tectônicas, quais as idades dos solos, como e porque se deram as mudanças do curso de rios, quais as eras geológicas, quais as transgressões marinhas no Brasil. Constituía assim uma disciplina que necessitava de viagens pelos territórios e a interpretação possível das transformações.

Coube ao professor Ruellan a interpretação de várias formações territoriais, e ainda a possível importância na localização de sítios para a instalação de vias de comunicação, da localização de cidades, como foram as ideias sobre a localização do futuro Distrito Federal.(Brasília)

Seus ensinamentos, auxiliado por cartógrafos, naturalistas, geólogos, por 15 anos, formou um grupo de estudiosos no Brasil. Exemplos ainda vivos dessa época sou uma herdeira, junto da Profa. Cybele de Ipanema. Uns se dedicaram ao estudo das formações das minas de ouro, dos garimpos, e outros ampliaram os estudos nos Estados Unidos e na França. Prof. Ruellan havia participado na Segunda guerra mundial em estudos na França e foi chamado a vários outros países para ministrar seus conhecimentos e teorias.

Nesse artigo tentamos apresentar os conhecimentos auferidos por duas expedições em Roraima financiadas pelo Conselho Nacional de Pesquisa, Universidade do Brasil, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.(foto da folha de rosto do livro).

O livro escrito por Ruellan trata da delimitação da região e o interesse do estudo, e compreende 3 partes.

Na primeira parte descreve como se organizaram as expedições, utilizando mapas baseados em fotografias aéreas tiradas durante a Segunda

Guerra Mundial pelo Exército Americano. A segunda parte interpreta os caracteres geomorfológicos e geológicos: a zona eruptiva, a zona sedimentar, o rebordo montanhoso meridional e o contato com a planície de campos rio branco. Na terceira parte reflete sobre o povoamento e suas relações com o relevo e a estrutura, os recursos econômicos da planície e da zona montanhosa.

Contém 58 fotografias feitas pelo fotógrafo oficial Salgado, de vales, depressões, igarapés, fazendas, rochas e ainda 22 ilustrações compreendendo desenhos esquemáticos, morros e serras. A área se situa entre 3 graus e 30 minutos a 4 graus e 40 de latitude norte e de longitude 59 graus a 61 30 de longitude oeste. Engloba planaltos de arenito, uma zona de relevo atormentado e finalmente a planície. Ali, encontram-se as passagens de fronteiras mais importantes do Brasil com a Venezuela e com a Guiana Inglesa. Possui assim interesse internacional pelas jazidas de ouro e garimpo de diamantes nos limites com países vizinhos. Mas era uma região isolada do resto do Brasil, sem estradas de rodagem e sem comunicação constante.

Os estudos partiram de três trabalhos da Comissão das fronteiras e das Comissões mistas de limites entre Brasil, Venezuela e Guiana inglesa. Em 1952 o melhor mapa da região era ainda o organizado em 1933 pela American Society of New York para ilustrar o trabalho de G.H. Tale sobre o pico Roraima que dá o itinerário dos viajantes que o precederam. Na região de estudo se encontram as nascentes de inúmeros rios, encaixados, de corredeiras, quedas d'água e que vão formar o rio Branco, principal afluente do rio negro que se jogara no Amazonas.

As expedições foram compostas por geomorfólogos, a francesa Yvonne Beigbeder, cartógrafos, geógrafos, alunos da Faculdade Nacional de Filosofia e naturalistas do museu Goeldi. Participaram das mesmas: Heládio Lenz Cesar, Gelson Rangel de Lima, Manoel Maurício, Ella Grinstein, Miridan Bugya Britto, dentre muitos outros. Para chegar à região partia-se do Rio de Janeiro por avião da Panair, Constellation até Manaus. De lá, um avião semanal da FAB levava até Surumu, bem ao norte, ou a

Normandia, na fronteira com a Guiana Inglesa. Percorria-se a cavalo ou mulas a região observada, divididos em grupos de 10 pessoas e chamados de grupo norte, oeste, grupo de Direção, e etc.

Tanto em 1954 quanto em 1955, as expedições não demoraram mais que 20 dias. Todas as duas partiram do Rio de Janeiro no final de outubro para regressar nos 10 primeiros dias de novembro, por causa das inúmeras chuvas que deveriam ocorrer na época. Andar ao sol quentíssimo, no lombo de cavalos, dormir em redes num galpão de fazendas previamente escolhidas e combinadas, tomar banho nos rios, alimentar-se de latas de biscoito, presuntada, goiabada, leite em pó e Nescau foi para alguns muito cansativo.

Os tropeiros andavam a pé, à nossa frente, e atravessávamos os rios montados pelos trechos designados pelos tropeiros. Como a água penetrava nas botas de cano longo e depois secavam ao sol, era muito difícil nos livrarmos das mesmas durante a noite, antes de descansarmos nas redes. Mas felizmente, pela organização e disposição do itinerário, só houve uma perda de um pequeno trecho e o grupo dormiu ao relento num terraço de seixos rolados onde o professor, com mais de 50 anos, ficou temeroso. O grupo com 10 pessoas compreendia em geral 3 a 4 jovens mulheres e 7 homens, fossem tropeiros ou já cientistas. Fico até hoje espantada que ninguém adoeceu, embora o professor afirmasse que, em geral, os rapazes da cidade (do Rio) enfraqueciam em primeiro lugar.

Sob o ponto de vista humano a região era ocupada por yanomanis, fazendeiros nordestinos, e garimpeiros de várias regiões do Brasil a lutar pelo enriquecimento. Um posto médico da Funai se ocupava dos cuidados de algum doente e atendia os índios.

Conclusões do livro Expedições Geomorfológicas no Território do rio Branco

O relatório não pretende dar os resultados completos das duas expedições. Pretende, de início, uma localização de conjunto e levantar alguns problemas que serão continuados no Laboratório de Geomorfologia da

“Ecole Pratique des Hautes Études” na França. Ali Prof, Ruellan dizia dispor de instrumentos específicos como estereoscópio e barra de paralaxe.

O dia a dia das expedições

Ruellan e sua secretária Yvone /Beigbeder acordavam o grupo ao raiar do sol, cerca de 4h da manhã. Após o Nescau ou café preparado pelos tropeiros, saíamos “en route”. Com um chapéu de couro coberto por redes contra os mosquitos, andávamos recebendo as explicações teóricas do que ele pensava. Copiávamos em pequenas cadernetas dependuradas ao pescoço onde estavam as bússolas, cronômetro, altímetro, e etc.. Parávamos para almoçar às 11h, quando os tropeiros assavam pequenos pedaços de carne de sol e abriam latas. Os tropeiros também enchiam nossos cantis.

Seguíamos sob o sol quentíssimo e parávamos às 16h numa fazenda. Sob o sol quente muitas vezes molhava toda a cabeça. Tomávamos banho vestidas com uma das duas calças levadas e de blusa de mangas compridas. Já refrescadas, Ruellan ditava o que tinha visto e concluído da região. Eu batia a máquina japy sentada ao chão. Como era próximo ao Equador, o dia acaba às 17h e tinha-se que sermos rápidas.

A refeição da “noite” era igual, carne de sol, latas abertas. Mas entre 18 e 20h os tropeiros cantavam suas canções e conversavam. Me chamavam de miramar e perguntavam como era o mar. Ruellan mandava todos dormirem em suas redes. Foram dias e noites encantadores. A claridade do céu com enormes estrelas nos iluminava. O odor das plantas se acentuava. Nunca pensei que Roraima me lembraria as terras do Piauí.

Os fatos estudados.

O território do Rio Branco situado no hemisfério norte, apresenta-se como uma planície mais ou menos ondulada, florestada ao sul, tendo ao norte maciços de importância diversificada. Morros de 100 metros, outros de 200, 300, 500. É drenada pelo rio Branco, afluente do rio Negro forma-

do pelo rio Uraricuera. As expedições foram divididas em grupos e cada chefe de grupo recebeu mapa em escala 1:40.000 e explicação do que era necessário fazer. Levantamento a bússola e com relógio os itinerários de pressão e no máximo foram feitos levantamentos geomorfológicos a prancheta e tomadas de amostras.

As amostras foram trazidas para o Departamento Nacional de Produção Mineral para análise de solos na Praia Vermelha e datação de eras geológicas.

Na zona leste do maciço vulcânico, verificou-se testemunhos de arenitos. Não foram encontrados fósseis. Ruellan voltou para a França no janeiro seguinte, 1957, e infelizmente não retornou mais ao Brasil.

Texto apresentado em abril de 2023. Aprovado para publicação em abril de 2023.